



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 13

Memórias e História da Agroecologia



Memórias e saberes nos quintais agroflorestais amazônicos

Memories and knowledge in Amazon agroforestry home gardens

ARAÚJO, Maria Isabel¹; SOUSA, Silas Garcia Aquino²; RAMOS, Evandro de Moraes¹

¹ Universidade Federal do Amazonas - PPGSCA/UFAM, miar@terra.com.br; evandromramos@hotmail.com; ² Embrapa Amazônia Ocidental, silas.garcia@embrapa.br

Tema Gerador: Memórias e História da Agroecologia

Resumo

À medida que os colonizadores europeus avançavam nas terras amazônicas, as populações tradicionais, foram obrigadas a abandonar muitos de seus hábitos imemoriais, costumes e saberes para assimilar a cultura dos brancos, incorporando o sistema de produção agrícola sistematizado geometricamente, capaz de produzir excedente de produção vegetal e animal. O método de pesquisa é bibliográfico, objetivando uma breve reconstrução histórica sobre a agricultura tradicional amazônica. Os Resultados apontam que a construção de quintais e dos roçados dependem dos saberes ecológicos tradicionais, transmitidos de geração a geração, através da memória biocultural dessas populações e os agroecossistemas são baseados nos princípios da agrobiodiversidade. Conclui-se que a construção de quintais agroflorestais, com base na agrobiodiversidade constituem-se em memórias vivas da bioculturalidade dos agricultores tradicionais da Amazônia.

Palavras-chaves: Agrobiodiversidade; Amazônia; Agricultura tradicional.

Abstract

As European colonizers advanced in the Amazonian lands, traditional populations were forced to abandon many of their immemorial habits, customs and knowledge to assimilate the culture of whites, incorporating the system of agricultural production geometrically systematized, capable of producing surplus production vegetable and animal. The research method is bibliographical, aiming at a brief historical reconstruction on the traditional Amazonian agriculture. The results indicate that the construction of homegarden and shift cultivation depend on the traditional ecological knowledge transmitted from generation to generation through the biocultural memory of these populations and agroecosystems are based on the principles of agrobiodiversity. It is concluded that the construction of homegardens, based on agrobiodiversity, are in livid memories of the bioculturalism of the traditional farmers of the Amazon.

Keywords: Agrobiodiversity; Amazônia; Agriculture Traditional.

Introdução

Historicamente a relação homem-natureza ao longo do processo de dominação/exploração das riquezas da biodiversidade amazônica, bem como, a expropriação das memórias bioculturais das populações tradicionais, remonta ao final do século XVI, segundo registros dos conquistadores europeus, missionários e funcionários das Coroas ibéricas. À medida que os colonizadores europeus avançavam nas terras amazônicas, acordos eram firmados na Europa para dividir as terras descobertas, qual só conseguiria se apropriar destas, graças à superioridade militar, e a ingenuidade dos donos da



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL



terra que viviam na região há muito tempo. Neste processo, as populações e comunidades tradicionais, foram obrigadas a abandonar muitos de seus hábitos imemoriais, costumes e saberes para assimilar a cultura dos brancos, incorporando o sistema simplificado de produção agrícola, sistematizado geometricamente, capaz de produzir excedente de produção vegetal e animal. Neste sentido, Toledo & Barrera-Bassols (2008) analisam a memória biocultural como recurso necessário para reprodução no espaço e no tempo do conhecimento dos povos. “A memória biocultural é uma memória diversificada que permite cada membro de um grupo social se apropriar de parte da totalidade do saber do grupo”.

Sendo assim, com o processo de acomodação e assimilação de novas culturas, novas formas de trabalho e técnicas de produção foram incorporados, prevalecendo a prática de corte e queima da floresta, que nem sempre gera impactos positivos, na paisagem Amazônica. Destarte, corroborando CARDOSO (1984), o período colonial agrícola na Amazônia até o reinado de D. José I, supõe-se uma economia extrativista dominada pelas “drogas do sertão”, substituído por um ciclo agrícola favorecido pelo capital na gestão do Marques de Pombal, que marcaria a passagem da agricultura extrativista, para um sistema agrícola subsidiário, constituído pela agricultura. Segundo MARIN (2005), a partir do século XVII, a agricultura era praticada na extensão do vale amazônico, as missões montavam um sistema agrário combinado com a organização dos índios aldeados em espaços próprios. Os jesuítas responsáveis pela educação, religião e ensino de diferentes ofícios, treinavam os escravos africanos e estes, ensinavam os índios na nova arte, de ofícios e técnicas de fazer agricultura dos colonizadores.

Dadas estas particularidades, o legado da agricultura indígena na Amazônia compreendia o conhecimento de diversas culturas, plantavam a mandioca, semeava o milho, o algodão, legume e o aproveitamento de centenas de frutas nativas, plantas medicinais, técnicas de caça e pesca, corantes, oleaginosas, aromáticos, tóxicas, etc. (HOMMA, 2011, p. 17). Toda essa produção agropecuária era manejada e cultivada em agroecossistemas complexos, principalmente nos quintais agroflorestais e nos roçados ecológicos. Os quintais eram construídos ao redor das moradias e neste agroecossistemas, os agricultores exerciam deliberadamente, os princípios da agrobiodiversidade (FERNANDES e NAIR, 1986; VAN LEEUWEN et al (1995). Por outro lado, os roçados ecológicos comportavam inicialmente os cultivos agrícolas anuais, com destaque para o cultivo da mandioca e milho, ao longo do tempo, estes espaços eram transformados, no que denominamos atualmente em agroflorestas ou sistema de pousio de capoeiras (MACEDO, 2001; BRIENZA JUNIOR, 2012). No que se refere à cultura da mandioca, DANIEL (2004) relata os múltiplos usos desta cultura no hábito alimentar dessas po-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL



pulações. Além da farinha de mandioca, as folhas eram usadas na maniçoba, da mandioca se produzia vários outros derivados. A espécie *Manihot esculenta* possui uma variedade de cultivares, dentre eles, destaca-se a macaxeira ou mandioca mansa, que é de todos a mais estimada.

Nos agroecossistemas de quintais e roçados formam domesticados várias plantas e animais, que modificaram o panorama econômico e social da Região Amazônica e mudaram os hábitos alimentares em várias continentes. Segundo NEVES (2006), uma das maiores contribuições dessas memórias bioculturais das populações tradicionais das Américas para a humanidade foi à domesticação, muito antes da chegada dos europeus, de uma série de plantas que atualmente são à base da alimentação mundial, como abacate, abacaxi, abóbora, amendoim, batata, caju, feijão, mamão, mandioca, maracujá, milho, as pimentas, pupunha, tabaco, tomate entre outras. A domesticação de plantas, aliado ao manejo dos solos podem ser considerados como uma condição fundamental para o estabelecimento de modos de vida agrícolas, mesmo para sociedades baseadas na caça, pesca e coleta, denominadas atualmente de agroextrativistas.

Material e Métodos

Objetivou-se neste trabalho uma breve reconstrução histórica da agricultura tradicional amazônica com abordagens teóricas e empíricas sobre as memórias e saberes na construção dos quintais amazônicos, o agroecossistemas mais importante das populações tradicionais da região, baseado na agrobiodiversidade. Para elaboração do presente trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas, consultas em obras literárias, artigos e revistas científicas. Conforme GIL (2000, p, 63), a pesquisa bibliográfica é aquela que os dados são obtidos de Fontes bibliográficas, ou seja, de Material elaborado com a finalidade explícita de ser lido.

Resultados e Discussão

A exploração e dominação da natureza pelo homem gera um verdadeiro dilema da condição humana, pois o homem não pode mudar a natureza, sem mudar a si mesmo, é preciso sapiência, autóctone de saberes adquiridos ao longo do processo histórico de dominação da natureza. Todas estas práticas, costumes, tradições crenças, experiências e ações no curso do processo civilizador, de acomodação e assimilação são geradores de alterações ambientais e modificação da paisagem. Dependendo do modo como o processo de intervenção e interesse sócio econômico e ambiental são impostos, o manejo dos recursos naturais e ambientais podem provocar impactos positivos e negativos. Com o domínio lusitano na hinterlândia amazônica, novas técnicas



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL



de plantio foram impostas no processo civilizador, alterando o hábitos social do homem amazônico, passando de agente coletor (agroextrativista) à ator engenhoso de sistemas de produção agrícola simplificados, sistematizados em leiras geometricamente espaçadas, capaz de produzir excedente de produção vegetal e animal. Neste Contexto, os povos tradicionais da Amazônia foram obrigados a abandonar muitos de seus hábitos imemoriais, costumes e saberes, gerados nos conflitos culturais de acomodação e assimilação de outras culturas.

Nos relatos dos viajantes do Século XVI e XVIII e nos relatórios dos técnicos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), do século XX são escassos a Descrição dos quintais ao redor das casa (DENEVAN, 2001; TEIXEIRA, 2007; SOUSA, et al. 2015). Observa-se que o quintal agroflorestal ou pomar caseiro é um sistema de produção complexo, baseado nos princípios da agrobiodiversidade, dominado por espécies nativas (vegetais e animais), em processo domesticação e espécies exóticas em processo de adaptação e observação (FERNANDES e NAIR, 1986). Esses agroecossistemas são construídos ao redor das casas, com a participação do trabalho coletivo, em regime de Ajuri (ARAÚJO, et al., 2016). Os quintais possuem predominâncias de árvores, e estão presentes na área dos agricultores familiares da Amazônia (VAN LEEUWEN et al (1995). Estas agroflorestas são destinadas a produção de frutos, madeira, sombra, plantas medicinais, especiarias forragem entre outros usos (MACEDO, 2001).

O quintal agroflorestal é um patrimônio cultural, local de conservação da biodiversidade, a memória viva dos agricultores tradicionais da Amazônia. Nele os agricultores possuem a soberania de plantar e colher. Neste agroecossistemas, os agricultores realizam suas experiências agrícolas, com menor risco econômico, ambiental e social, os quintais produzem alimentos saudáveis e livres de agrotóxicos (SOUSA, et al., 2015).

Observa-se que a prática de construção dos quintais são saberes ecológicos tradicionais, transmitidos de geração a geração, através da memória biocultural dessas populações. Entretanto, tal conhecimento, baseado em sistemas complexos de produção, com grande ênfase na agrobiodiversidade e capacidade de produzir alimentos, foi ao longo do tempo sendo perdido com a Introdução da agricultura industrial e dos pressupostos das práticas agrícolas da “revolução verde”, resultando em quintais com baixa diversidade e função ecológica.

Com Referência a memória e saberes para a construção dos quintais agroflorestais, agrobiodiversos, ARAÚJO et al., (2016) observaram que os quintais das populações tradicionais possuíam maior riqueza de espécies do que os quintais dos assentados da reforma agrária. Possivelmente essa característica, nos quintais dos assentados, pode



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL



ser explicada pela perda de memória biocultural desses agricultores oriundos de áreas urbanas, operários que retornaram ao campo como novos agricultores, trazendo consigo os pressupostos das práticas agrícolas da “revolução verde”, conseqüentemente, perdendo os princípios de construir quintais com base na agrobiodiversidade.

Segundo BOEF (2007), a agrobiodiversidade pode ser classificada em três níveis: a diversidade de agroecossistemas; a diversidade de espécies na agricultura; e a diversidade genética. Na agricultura industrial e nas práticas da chamada “revolução verde” a agrobiodiversidade vem sendo ignorada, comprometendo a garantia da segurança alimentar das populações tradicionais e perda da biodiversidade.

A biodiversidade de espécies na agricultura tradicional gerou riquezas com a transformação de recursos naturais em produtos, bens e serviços, tais como: cacau, seringueira, castanha-da-amazônia, pau-rosa, guaraná entre outros, consideradas as mais importantes, que atraíram aventureiros e modificaram o panorama econômico e social da região. A seringueira e o cacau, plantas levadas da Amazônia, mudaram a civilização de outros continentes, onde as regiões e os países em que foram introduzidos transformaram-se em grandes centros produtores mundiais (HOMMA, 2011). Historicamente a perda da biodiversidade amazônica e da memória biocultural dos agricultores tradicionais estão inter-relacionadas com o avanço da agricultura mecanizada e comercial, com a expropriação e expulsão dos agricultores de suas terras, da transferência de tecnologias e inovação, baseadas na ciência reducionista que não leva em conta o conhecimento tradicional e da biodiversidade.

Conclusão

A construção de quintais agroflorestais, com base na agrobiodiversidade constituem-se em memórias vivas da bioculturalidade dos agricultores tradicionais da Amazônia. Entretanto, o processo civilizador, com suas forças de dominação/exploração do homem e da natureza, provocou conflitos culturais de acomodação e assimilação, obrigado os agricultores tradicionais abandonar muitos de seus hábitos imemoriais, costumes e saberes. Com o novo paradigma, a paisagem vai sendo modificada, causando perda da diversidade nos agroecossistemas e erosão genética, transformando os recursos naturais e socioculturais em produtos, bens e serviços, para garantia da vida do sistema econômico político capitalista, em detrimento das relações harmoniosa do homem com natureza e convivência socioambiental.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL



Referências bibliográficas

ARAÚJO, M.I.; MATOS, G. G; SOUSA, S.G.A. AJURI – Processo e valorização do saber tradicional Amazônico. In: VIII Congresso da APDEA - Associação Portuguesa de Economia Agrária. Portugal. **Anais**, 2016.

BRIENZA JÚNIOR, S. Enriquecimento de florestas secundárias como tecnologia de produção sustentável para a agricultura familiar. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Nat.**, Belém, v. 7, n. 3, set.-dez. 2012; p. 331-337,

CARDOSO, C.F. **Economia e sociedade em áreas periféricas: Guiana Francesa e Pará (1750-1817)**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1984.

DANIEL, Pe. João. **Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas. Vol.1 e 2** Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BOEF, W. S. et al. **Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

DENEVAN, W. HIRAOKA, M.; MORA S. **La agricultura pré histórica em la Amazônia**. Desarrollo sostenible en la Amazonia. Quito: Abla Ayala, 2001; p.15-22.

FERNANDES, E.C.M. e NAIR, P. K. R (1986). Na evaluation of the structure and function of tropical home gardens. **Agricultural Systems**, v.21, n. 4, p. 279-310.

GIL. A. C. **Técnicas de Pesquisa em Economia**. São Paulo: Atlas, 2000.

HOMMA, A.K.O. Agricultura na Amazônia: o futuro é plantar sem derrubar. In: GEEA: Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos, **Caderno de Debates, Tomo IV**. Manaus: Editora INPA, 2011.

MACEDO, M.N.C. **Avaliação do programa de sistemas agroflorestais em comunidade seringueira do município de Epitaciolândia - AC.**, 2001. Dissertação (Mestrado) - UFV. Viçosa (MG). Área de concentração: Extensão Rural. 112p.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Agricultura no delta do rio Amazonas: colonos produtores de alimentos em Macapá no período colonial. **Novos Cadernos NAEA**, v. 8, n. 1, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/48/43>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

NEVES, E.G (2006). **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zaha. 87p.

SOUSA, S.G.A.; ARAUJO, M.I.; WANDELLI, E.V. Saberes tradicionais dos povos amazônicos no Contexto do processo de transição agroecológica. **Revista Ambientamente Sustentável**. Jul – dez, 2015, ano 10, vol. 2. n. 20, p.1696 – 1717.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL



TEIXEIRA, W.G. (2007). O manejo do solo pelas populações pré-colombianas na Amazônia brasileira: vestígios deixados nas Terras Pretas de Índio e Terras Mulatas. In: Reunião Amazônica de Agroecologia, 1, 2007: Manaus, AM. **Anais**. Embrapa Amazônia Ocidental. CD-ROM. p. 47-55.

TOLEDO, V. M. BARRERA-BASSOLS, N. La Memoria Biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales. Icaria editorial. Barcelona, España, 2008.

VAN LEEUWEN, J. GOMES, J.B. O pomar caseiro na região de Manaus, AM, um importante sistema agroflorestal tradicional. In: Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 2. **Actas**. Londrina, PR, IAPAR, Londrina: 1995, p.180-189.